



Ministro estabelece prerrogativas em decisão

30/01/2000

Pela primeira vez, desde a Constituição de 1988, o Supremo Tribunal Federal (STF) estabeleceu limites mais precisos sobre a ação e as prerrogativas dos advogados.

Ao contrário do que tentou fazer crer por seguidas vezes o Legislativo, as comissões parlamentares de inquérito, por mais graves que sejam os fatos investigados, não são superiores às garantias constitucionais.

O ministro do STF, Celso de Mello, proferiu um verdadeiro parecer sobre a amplitude do exercício da advocacia ao negar o pedido de reconsideração feito pelos deputados da CPI do Narcotráfico, contra a liminar que garantia o direito do advogado Carlos de Araújo Pimentel Neto se manifestar e orientar seu cliente durante depoimento aos parlamentares.

Segundo Celso de Mello, “qualquer que seja o espaço institucional de sua atuação, ao Advogado incumbe neutralizar os abusos, fazer cessar o arbítrio, exigir respeito ao ordenamento jurídico e velar pela integridade das garantias jurídicas – legais ou constitucionais – outorgadas àquele que lhe confiou a proteção de sua liberdade e de seus direitos...”

Com exclusividade, a revista **Consultor Jurídico** publica a íntegra da decisão do ministro, que versa sobre os direitos e garantias concedidos aos advogados no exercício de sua profissão.

MANDADO DE SEGURANÇA N. 23.576-4 DISTRITO FEDERAL

(Pedido de Reconsideração)

RELATOR: MIN. CELSO DE MELLO

IMPETRANTE: CARLOS DE ARAÚJO PIMENTEL NETO

ADVOGADO: CARLOS DE ARAÚJO PIMENTEL NETO

IMPETRADO: PRESIDENTE DA COMISSÃO PARLAMENTAR DE INQUÉRITO

(CPI DO NARCOTRÁFICO)

EMENTA: COMISSÃO PARLAMENTAR DE INQUÉRITO. ATUAÇÃO ABUSIVA. **INADMISSIBILIDADE.** SUBMISSÃO **INCONDICIONAL** DA CPI À AUTORIDADE DA CONSTITUIÇÃO E DAS LEIS DA REPÚBLICA. EXIGÊNCIA INERENTE AO ESTADO DE DIREITO FUNDADO EM BASES DEMOCRÁTICAS. **DIREITOS** DO CIDADÃO E **PRERROGATIVAS** PROFISSIONAIS DO ADVOGADO. LEGITIMIDADE. PEDIDO DE RECONSIDERAÇÃO **INDEFERIDO.**

- O respeito incondicional aos valores e aos princípios sobre os quais se estrutura, constitucionalmente, a organização do Estado, **longe** de comprometer a eficácia das investigações parlamentares, configura fator de irrecusável legitimação de todas as ações **lícitas** desenvolvidas pelas comissões legislativas.

A **autoridade** da Constituição e a **força** das leis **não se detêm** no limiar das Comissões Parlamentares de Inquérito, como se estas, **subvertendo** as concepções que dão significado democrático ao Estado de Direito, pudessem constituir um universo diferenciado paradoxalmente imune ao poder do Direito e infenso à supremacia da Lei Fundamental da República.

Se é certo que **não há** direitos absolutos, também é inquestionável que **não existem** poderes ilimitados em qualquer estrutura institucional fundada em bases democráticas.

A **investigação parlamentar**, por mais graves que sejam os fatos pesquisados pela Comissão legislativa, **não pode desviar-se** dos limites traçados pela Constituição **e nem transgredir** as garantias, que, decorrentes do sistema normativo, foram atribuídas à generalidade das pessoas.

Não se pode tergiversar na defesa dos postulados do Estado Democrático de Direito e na sustentação da autoridade normativa da Constituição da República, eis que **nada** pode justificar o **desprezo** pelos princípios que regem, em nosso sistema político, as relações entre o poder do Estado e os direitos do cidadão - de **qualquer** cidadão.

A **unilateralidade** do procedimento de investigação parlamentar **não confere** à CPI o poder de agir **arbitrariamente** em relação ao indiciado e às testemunhas, **negando-lhes**, abusivamente, determinados direitos e certas garantias - como a prerrogativa contra a auto-incriminação - que derivam do texto constitucional ou de preceitos inscritos em diplomas legais.

No contexto do sistema constitucional brasileiro, a **unilateralidade** da investigação parlamentar - à semelhança do que ocorre com o próprio inquérito policial - **não tem** o condão de **abolir** os direitos, de **derrogar** as garantias, de **suprimir** as liberdades ou de **conferir**, à autoridade pública, poderes absolutos na produção da prova e na pesquisa dos fatos.

O **Advogado** - ao cumprir o dever de prestar **assistência técnica** àquele que o constituiu, **dispensando-lhe** orientação jurídica perante **qualquer** órgão do Estado - **converte**, a sua atividade profissional, quando exercida **com independência** e **sem indevidas** restrições, em prática inestimável de liberdade. **Qualquer** que seja o espaço institucional de sua atuação, **ao Advogado** incumbe **neutralizar** os abusos, fazer cessar o arbítrio, **exigir** respeito ao ordenamento jurídico e **velar** pela integridade das garantias jurídicas - legais ou constitucionais - outorgadas àquele que lhe confiou a **proteção** de sua liberdade e de seus direitos, dentre os quais avultam, por sua inquestionável importância, a **prerrogativa** contra a auto-incriminação **e o direito de não** ser tratado, pelas autoridades públicas, como se culpado fosse, **observando-se**, desse modo, diretriz consagrada na jurisprudência do Supremo Tribunal Federal.

O exercício do poder de **fiscalizar** eventuais abusos cometidos pela Comissão Parlamentar de Inquérito contra aquele que por ela foi convocado para depor **traduz** prerrogativa indisponível do **Advogado**, no desempenho de sua atividade profissional, **não podendo**, por isso mesmo, ser ele cerceado, **injustamente**, na prática legítima de atos que visem a neutralizar situações configuradoras de arbítrio estatal ou de desrespeito aos direitos daquele que lhe outorgou o pertinente mandato.

O Poder Judiciário **não pode permitir que se cale a voz do Advogado**, cuja atuação, livre e independente, **há** de ser **permanentemente** assegurada pelos juízes e pelos Tribunais, sob pena de **subversão** das franquias democráticas **e de aniquilação** dos direitos do cidadão.

A **exigência** de respeito aos princípios consagrados em nosso sistema constitucional **não** frustra e **nem** impede o exercício pleno, por qualquer CPI, dos poderes investigatórios de que se acha investida.

O ordenamento positivo brasileiro **garante** ao cidadão, qualquer que seja a instância de Poder que o **tenha** convocado, o **direito** de fazer-se assistir, tecnicamente, **por Advogado**, a quem incumbe, com apoio no Estatuto da **Advocacia**, **comparecer** às reuniões da CPI, **nelas podendo**, dentre **outras** prerrogativas de ordem profissional, comunicar-se, pessoalmente e diretamente, com o seu cliente, para **adverti-lo** de que **tem** o direito de permanecer em silêncio (direito este fundado no privilégio constitucional contra a auto-incriminação), **sendo-lhe lícito**, ainda, reclamar, verbalmente ou por escrito, contra a **inobservância** de preceitos constitucionais, legais ou regimentais, **notadamente** quando o **comportamento arbitrário** do órgão de investigação parlamentar **lesar** as garantias básicas daquele – indiciado ou testemunha – que constituiu esse profissional do Direito.

– A função de investigar **não** pode resumir-se a uma sucessão de abusos e **nem** deve reduzir-se a atos que importem em violação de direitos **ou** que impliquem desrespeito a garantias estabelecidas na Constituição e nas leis. O **inquérito parlamentar**, por isso mesmo, **não** pode transformar-se em instrumento de prepotência e **nem** converter-se em meio de transgressão ao regime da lei.

Os fins **não** justificam os meios. Há parâmetros ético-jurídicos que **não podem e não devem** ser transpostos pelos órgãos, pelos agentes ou pelas instituições do Estado. Os órgãos do Poder Público, **quando** investigam, processam ou julgam, **não** estão exonerados do dever de respeitarem os **estritos** limites da lei e da Constituição, **por mais graves** que sejam os fatos cuja prática motivou a instauração do procedimento estatal.

DECISÃO: Trata-se de **pedido de reconsideração**, que, formulado pelo Senhor Presidente da CPI/Narcotráfico, visa à **reforma** de decisão por mim proferida no âmbito de processo mandamental instaurado contra **abusos** alegadamente cometidos por esse órgão de investigação legislativa, que teria, **injusta e arbitrariamente, impedido** o exercício, **por Advogado**, das prerrogativas jurídicas inerentes ao desempenho de sua atividade profissional.

A **decisão** que se pretende modificar foi por mim assim ementada (**fls. 45**):

*“COMISSÃO PARLAMENTAR DE INQUÉRITO. ADVOGADO. **DIREITO DE VER RESPEITADAS AS PRERROGATIVAS DE ORDEM PROFISSIONAL INSTITUÍDAS PELA LEI Nº 8.906/94. MEDIDA LIMINAR CONCEDIDA.***

A Comissão Parlamentar de Inquérito, como **qualquer** outro órgão do Estado, **não pode**, sob pena de **grave** transgressão à Constituição e às leis da República, **impedir, dificultar** ou **frustrar** o exercício, **pelo Advogado**, das **prerrogativas** de ordem profissional que lhe foram outorgadas pela Lei nº 8.906/94.

O **desrespeito** às prerrogativas – que asseguram, ao Advogado, o exercício livre e independente de sua atividade profissional – constitui **inaceitável** ofensa ao estatuto jurídico da Advocacia, pois representa, na perspectiva de nosso sistema normativo, um ato de inadmissível afronta ao próprio texto constitucional e ao regime das liberdades públicas nele consagrado. Medida liminar **deferida.**”

A ilustre autoridade apontada como coatora – **depois** de enfatizar que **sempre** respeitou todas as prerrogativas profissionais “necessárias ao bom exercício” da Advocacia e que apenas **negou**, ao ora impetrante, “prerrogativas que nem a Constituição, nem a Lei, nem o Regimento Interno da Câmara dos Deputados lhe conferem” (**fls. 62**) – assim resumiu a sua visão em torno dos fatos que motivaram a impetração do presente mandado de segurança (**fls. 62**):

*“Para evitar que seu cliente depusesse sobre fatos que lhe eram desfavoráveis, mas sobre os quais se dispunha a discorrer, o Impetrante quis se manifestar utilizando a palavra, como se Deputado fosse. **Impedido** de fazê-lo, começou a vociferar e **recusou-se** a retornar a seu lugar, **sendo retirado da sala** pelos policiais que faziam as vezes de seguranças da Câmara dos Deputados naquela sessão, na cidade de Campinas. O ato do advogado enquadrou-se, em tese, no crime contra as CPIs previsto no art. 4º, I da Lei 1.579/52, porquanto daquela maneira, com assuadas, tentou impedir o regular funcionamento da Comissão. Não foi preso em flagrante justamente porque a CPI respeita os profissionais do direito.” (grifei)*

O Senhor Presidente da CPI/Narcotráfico, com **alegado** apoio no princípio da separação de poderes, sustenta que **não se há** de conceder ao Advogado, que atua perante Comissão Parlamentar de Inquérito, o **direito de tribuna**, eis que essa faculdade – consistente na prerrogativa da manifestação oral ou do uso da palavra – assiste, **unicamente**, no âmbito da instituição legislativa, ao membro do Congresso Nacional, de tal modo que **ao Advogado** somente caberá – sempre observada a peculiaridade de que **inexiste** contraditório na esfera do inquérito parlamentar – a possibilidade de meramente protestar, quando for o caso, “por escrito” (**fls. 67**).

Passo a apreciar o pedido de reconsideração formulado pela Presidência da CPI/Narcotráfico.

A **presente** causa – **motivada** por **grave denúncia** resultante de alegados abusos que **teriam** sido praticados pela CPI/Narcotráfico contra o **exercício**, por Advogado, do **direito** de dar assistência técnica e de prestar orientação jurídica àquele que o constituiu – suscita **reflexões** necessárias em torno das **relações** que se estabelecem, no âmbito de uma sociedade

democrática, entre o Direito e o Poder.

O regime democrático, analisado na perspectiva das delicadas relações entre o Poder e o Direito, não tem condições de subsistir, quando as instituições políticas do Estado **falharem** em seu dever de respeitar a Constituição e as leis, pois, sob esse sistema de governo, **não poderá** jamais prevalecer a vontade **de uma só** pessoa, **de um só** estamento, **de um só** grupo ou, ainda, **de uma só** instituição.

Na realidade, o respeito incondicional aos valores e aos princípios sobre os quais se estrutura, constitucionalmente, a organização do Estado, **longe** de comprometer a eficácia das investigações parlamentares, configura fator de irrecusável legitimação de todas as ações **lícitas** desenvolvidas pelas comissões legislativas.

A **autoridade** da Constituição e a **força** das leis, por isso mesmo, **não se detêm** no limiar das Comissões Parlamentares de Inquérito, como se estas, **subvertendo** as concepções que dão significado democrático ao Estado de Direito, pudessem constituir um universo diferenciado paradoxalmente imune ao poder do Direito e infenso à supremacia da Lei Fundamental da República.

Se é certo que **não há** direitos absolutos, também é inquestionável que **não existem** poderes ilimitados em qualquer estrutura institucional fundada em bases democráticas.

A **investigação parlamentar**, por mais graves que sejam os fatos pesquisados pela Comissão legislativa, **não pode desviar-se** dos limites traçados pela Constituição **e nem transgredir** as garantias, que, decorrentes do sistema normativo, foram atribuídas à generalidade das pessoas.

Nesse contexto, **não se pode tergiversar** na defesa dos postulados do Estado Democrático de Direito **e** na sustentação da autoridade normativa da Constituição da República, eis que **nada** pode justificar o **desprezo** pelos princípios que regem, em nosso sistema político, as relações entre o poder do Estado e os direitos do cidadão – de **qualquer** cidadão.

Não se questiona a asserção de que a investigação parlamentar **reveste-se** de caráter unilateral, **à semelhança** do que ocorre no âmbito da investigação penal realizada pela Polícia Judiciária. **Inexiste** qualquer dúvida, também, de que a natureza do inquérito parlamentar – tanto quanto se verifica com o próprio inquérito policial – revela-se **incompatível** com a prática do contraditório.

A decisão concessiva da medida liminar, cuja reconsideração é ora postulada, **não desconsiderou**, em momento algum, o sentido de unilateralidade e o caráter inquisitivo do procedimento de investigação parlamentar.

Cabe advertir, no entanto, como já proclamou a **jurisprudência** do Supremo Tribunal Federal, sob a égide da **vigente** Constituição, **a propósito do inquérito policial** (que **também é** conduzido de maneira unilateral, **sem** observância da garantia do contraditório, **tal como ocorre** com a investigação parlamentar), que a **unilateralidade** desse procedimento investigatório **não confere** ao Estado o poder de agir **arbitrariamente** em relação ao indiciado **e às testemunhas, negando-lhes**, abusivamente, determinados direitos e certas garantias –

como a prerrogativa contra a auto-incriminação – que derivam do texto constitucional ou de preceitos inscritos em diplomas legais:

“INQUÉRITO POLICIAL - UNILATERALIDADE - A SITUAÇÃO JURÍDICA DO INDICIADO.

O inquérito policial, que constitui instrumento de investigação penal, qualifica-se como procedimento administrativo destinado a subsidiar a atuação persecutória do Ministério Público, que é – enquanto **dominus litis** – o verdadeiro destinatário das diligências executadas pela Polícia Judiciária.

A **unilateralidade** das investigações preparatórias da ação penal **não autoriza** a Polícia Judiciária a **desrespeitar** as garantias jurídicas que assistem ao indiciado, **que não mais pode** ser considerado mero objeto de investigações.

O indiciado é sujeito de direitos e dispõe de garantias, legais e constitucionais, cuja inobservância, pelos agentes do Estado, além de eventualmente induzir-lhes a responsabilidade penal por abuso de poder, pode gerar a absoluta desvalia das provas **ilicitamente** obtidas no curso da investigação policial.” (RTJ 168/896, Rel. Min. CELSO DE MELLO)

Torna-se evidente, portanto, que a **unilateralidade** da investigação parlamentar – à semelhança do que ocorre com o próprio inquérito policial – **não tem** o condão de **abolir** os direitos, de **derrogar** as garantias, de **suprimir** as liberdades ou de **conferir**, à autoridade pública, poderes absolutos na produção da prova e na pesquisa dos fatos.

É por essa razão – como pude enfatizar na decisão concessiva da medida liminar (fls. 51) – que, **embora amplos**, os poderes das Comissões Parlamentares de Inquérito **não são** ilimitados e **nem** absolutos, **daí resultando**, consoante estabeleceu a jurisprudência constitucional do Supremo Tribunal Federal, que esses órgãos de investigação parlamentar **não podem** formular acusações e **nem** punir delitos (RDA 199/205, Rel. Min. PAULO BROSSARD), **nem** desrespeitar o privilégio contra a auto-incriminação que assiste a **qualquer** indiciado ou testemunha (RDA 196/197, Rel. Min. CELSO DE MELLO – HC 79.244-DF, Rel. Min. SEPÚLVEDA PERTENCE), **nem** decretar a prisão de qualquer pessoa, **exceto** nas hipóteses de flagrância (RDA 196/195, Rel. Min. CELSO DE MELLO – RDA 199/205, Rel. Min. PAULO BROSSARD).

Na realidade, tendo-se presente esse contexto, **assiste** ao Advogado a **prerrogativa** – que lhe é dada por força e autoridade da lei – de velar pela **intangibilidade** dos direitos daquele que o constituiu como **patrono** de sua defesa técnica, **competindo-lhe**, por isso mesmo, para o **fiel** desempenho do **munus** de que se acha incumbido esse profissional do Direito, o exercício dos **meios legais** vocacionados à **plena** realização de seu **legítimo** mandato profissional.

O **Advogado** – ao cumprir o dever de prestar **assistência técnica** àquele que o constituiu, **dispensando-lhe** orientação jurídica perante **qualquer** órgão do Estado – **converte**, a sua atividade profissional, quando exercida com **independência** e sem **indevidas** restrições, em

prática inestimável de liberdade. **Qualquer** que seja o espaço institucional de sua atuação, **ao Advogado** incumbe **neutralizar** os abusos, **fazer cessar** o arbítrio, **exigir** respeito ao ordenamento jurídico e **velar** pela integridade das garantias jurídicas – legais ou constitucionais – outorgadas àquele que lhe confiou a **proteção** de sua liberdade e de seus direitos, dentre os quais avultam, por sua inquestionável importância, a **prerrogativa** contra a auto-incriminação **e o direito** de **não** ser tratado, pelas autoridades públicas, como se culpado fosse, **observando-se**, desse modo, diretriz consagrada na jurisprudência do Supremo Tribunal Federal:

Continua em *Comunidade Jurídica*

Fonte: https://conjur.jumps.com.br/2000-jan-30/ministro_estabelece_prerrogativas_decisao/